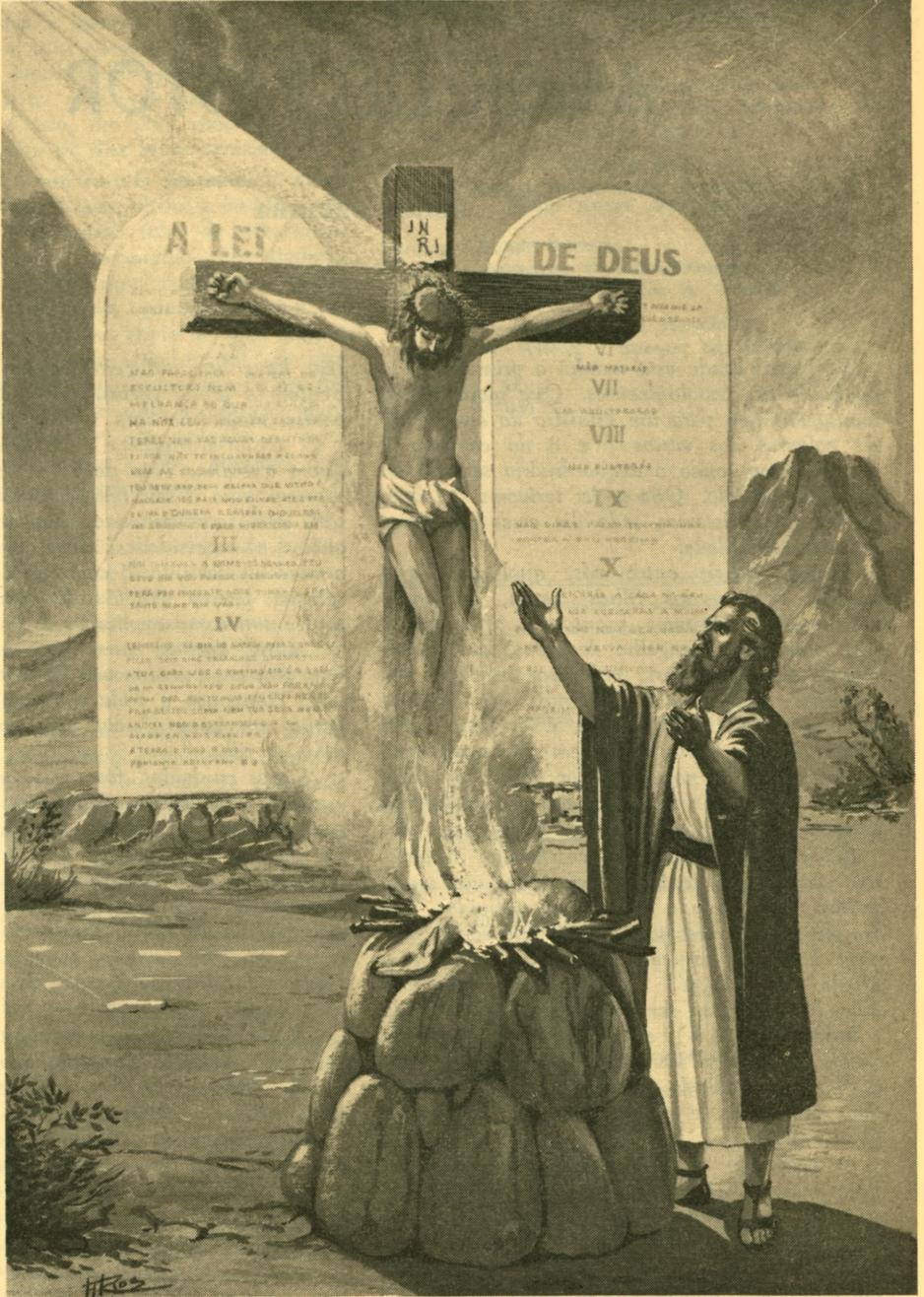


novembro
dezembro

72



O MINISTÉRIO adventista

AMOR DE PASTOR

RUBEN PEREIRA

Estivemos lendo esta manhã a primeira carta de Paulo aos tessalonicenses. Que maravilhosas mensagens tem para um ministro do evangelho! As palavras dos versos 7 e 8 do capítulo 2 soaram como sendo o extraordinário segredo do êxito do apóstolo. Que poder teríamos se, como pastores, aplicássemos cada dia esses princípios em nossa atividade!

Fomos "dóceis entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos, não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a nossa própria vida, por isso que vos tornastes muito amados de nós." O capítulo termina assim: "Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus, em Sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e nossa alegria!" Versos 19 e 20.

Na expressão "querendo-vos muito" o apóstolo expressa a seguir o seu amor de modo prático, pois sabendo que iam ser afligidos, "como de fato aconteceu," "já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado de vossa fé." (3:4 e 5.) Ao receber deles boas notícias, sentiu-se reviver em meio de tribulações (7 e 8), e expressou o seu ardente desejo de poder visitá-los novamente. Orava diariamente pedindo ao Senhor nova oportunidade de vê-los e concluir a tarefa iniciada. (Verso 10.)

O pastorado e o evangelismo devem estar hoje, mais do que nunca, baseados nos mesmos princípios. Amiúde a Sra. White apresenta o fato de que não são os argumentos que levarão pessoas à decisão, mas a verdade apresentada em estilo fácil, apoiada em algumas poucas provas indubitáveis. — (Veja-se Evangelismo, pág. 482.)

Não são argumentos o que o mundo necessita, muitos há que estão convencidos da teoria da verdade, mas não são atraídos porque essa teoria só lhes encheu o vazio da mente,

sem haver-lhes satisfeito aos anseios da alma. Sentem-se ainda vazios, apesar de possuírem o conhecimento do que seja a verdade.

O pastor-evangelista deve amar aqueles por quem trabalha. Não deve ver neles apenas um número para o seu relatório mensal ou trimestral, mas seres humanos com lutas, angústias, anelos e necessidades; lutas, angústias, anelos e necessidades que só conhecem uma suficiente solução: Cristo. Alguém abandonou a igreja, e apresentou como explicação a queixa de que ali se sentia apenas como uma plaqueta IBM. Ora, um computador não dá amor, não o pode dar. Tampouco o pode um pastor mecanizado. Paulo era como "uma ama que acaricia os próprios filhos."

"Frases cunhadas, formais, a apresentação de assuntos meramente argumentativos, não trazem benefício. O amor enternecedor de Deus no coração dos obreiros será reconhecido por aqueles em cujo benefício eles trabalham. As almas estão sedentas de água da vida. Não sejas cisternas vazias. Caso lhes reveleis o amor de Cristo, podereis levar os sedentos e famintos a Jesus, e Ele lhes dará o pão da vida e as águas da salvação." — Evangelismo, pág. 485.

Escrevemos estas notas enquanto estamos num país sul-americano convulsionado por lutas internas. Marchas de protestos e contra manifestações vêem-se diariamente. Há incerteza, insegurança. Vê-se isto refletido no rosto do cidadão comum. Parece que a alegria natural deste povo desapareceu. É como se as soluções buscadas pelos homens para os graves problemas houvessem falhado completamente.

Ao rever o temário da campanha, em face das responsabilidades que implica o fazer frente a um público necessitado de algo superior, sentimo-nos a um tempo alegres e grandemente preocupados. Tanto que apresentar, e tão pouca sabedoria sobre quando e como falar! Gostaríamos de ter em nossas reuniões tanta gente quanta se ajunta nas marchas de protesto, a

fim de dizer-lhes que mais grave do que não ter carne nos açougues ou pão nas padarias, é não possuir uma esperança firmemente estabelecida em Deus. É nossa responsabilidade como evangelistas e pastores é chegar a essa gente com uma mensagem que lhes satisfaça plenamente às necessidades espirituais, e isto só pode ser feito inculcando-lhes uma firme esperança em Cristo, em Seu amor revelado na cruz, na certeza de Seu breve retorno.

Nosso mundo é um mundo em rebeldia, mundo narcotizado com drogas, álcool e barbitúricos. Em tudo se vê tremenda falta de segurança, falta de amor bem compreendido. Faz algumas semanas terminávamos uma conferência sobre o lar e a delinquência, quando alguém se aproximou e nos deu uma cópia de uma canção da moda, muito popular atualmente, em que se diz que "sou rebelde porque o mundo me fez assim." Dá em seguida uma explicação para essa atitude: "Pedi amor, compreensão... e só encontrei ouvidos surdos." Foi, portanto, em busca de coisas que o atendessem.

Assim também sucede em muitas igrejas cristãs hoje. Milhares as estão abandonando porque não vêem nelas algo que lhes satisfaça a suas necessidades. Como diz o Time, em seu número de junho 19, 1972: "Para muitas pessoas hoje a igreja parece impotente, porque (nelas) o indivíduo é contado como uma unidade em suas grandes reuniões..."

Assim, pois, o amor de pai e mãe é o que deve ser demonstrado pelo pastor para com sua igreja. As congregações o necessitam. Em cada auditório há pessoas acabrunhadas por problemas e que estão ansiosas por uma luz que as tire das trevas em que se encontram. Em cada lar que o pastor visita há inquietações que necessitam ser dissipadas. Nossas visitas não deviam ser apenas com o fim de levar-lhes o cupão de pedidos de publicações ou o material da recolta, ou a parte que lhe corresponde no programa missionário do sábado. Tampouco devemos dar a impressão de que estamos cumprindo um dever profissional. Uma enfermeira contava a respeito das visitas que um fiel cristão realizava a enfermos do hospital: "Quando esse homem entra num quarto, é como se uma grande luz ali se acendesse." Sim, era a luz de um cristão radiante!

Muitos dos que apostatam o fazem apesar de estarem convencidos da teoria da verdade. Essa é a razão pela qual dificilmente se unem a alguma outra igreja. Visitávamos uma senhora, filha de lar adventista, a quem desejávamos trazer de volta ao redil. "Eu me afastei, porque não encontrei na igreja o apoio que necessitava em momentos difíceis, e quero voltar, porque

(Continua na pág. 21)

O MINISTÉRIO adventista

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2005

Ano	Período	N.º
38	Novembro-Dezembro	6

NESTE NÚMERO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	
Amor de Pastor	2
COMO CONDUZIR UMA ALMA A CRISTO	
Carlos Aeschlimann	4
A LEI E A GRAÇA	
Jaime Cruz	6
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRINDADE — I	
Aristarco Pinheiro de Matos	10
O DIRETOR FAZ 10 PERGUNTAS À TELEPAZ ...	
12	
A PEDRA DE ROSETA	
Joaquim A. Morgado	15
CUMPRINDO O MINISTÉRIO	
Francisco Nascimento	18
ATÉ ONDE SÃO OS FÓSSEIS REALMENTE ANTIGOS?	
22	
PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA	
A IMORTALIDADE INATA, OU CONDICIONAL?	
23	

CARLOS AESCHLIMANN

Evangelista da União Mexicana

Como Conduzir Uma Alma a Cristo

*A bem-aventurada experiência
fará significativas
e vivas todas as
demais doutrinas.*



AS INSTRUÇÕES que nos dá o Senhor Jesus são as mesmas que deu a Seus apóstolos, a saber: "Pastoreia as Minhas ovelhas" (S. João 21:16) e "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os." S. Mat. 28:19.

Nada mais certo que — o pastor que cumpre cabalmente seu dever é aquele que realiza equilibradamente duas missões primordiais: cuidado fervente das ovelhas mediante um consagrado ministério pessoal. O pastor, porém, que apenas se preocupa com as tarefas pastorais ouvirá dos lábios do Senhor: "Uma coisa te falta." Que falta? Trabalho evangélico, ganho de almas. O labor pastoral constitui unicamente a metade do dever de um pastor. Quem deseja merecer a bendita aprovação: "Bem está, servo bom e fiel" deverá dedicar pelo menos metade de seu tempo a pregar, dar estudos bíblicos e ganhar almas.

Então, ganhar almas é a ciência das ciências. Distinguiremos duas maneiras de ganhar almas. Primeiro, os sistemas clássicos que incluem campanhas bem organizadas, estudos bíblicos, classes batismais. Além destes, estão as oportunidades ocasionais que devemos aprender a detectar e aproveitar ao máximo. Foi-nos pedido precisamente que expliquemos a última forma, ou seja, a ocasional. Explicitamente, como levar uma alma a Cristo? Sem dúvida cada dia se apresentam preciosas oportunidades; a questão é aproveitá-las e fazê-lo bem.

Apresentaremos seis sugestões práticas:

1. RECONHECER QUE PARA A SALVAÇÃO O MAIS IMPORTANTE É ACEITAR A CRISTO COMO SALVADOR. Amíúde, quando falamos de êxitos, dizemos: já está guardando o sábado. Deixou de comer carne de porco. Está pagando o dízimo. Mas poucas vezes ouvi um obreiro dizer: esta alma aceitou

a Cristo como Seu Salvador. Precisamente ali está o erro. Cristo como Salvador deve ser a doutrina ressaltante de nosso trabalho missionário. É o argumento mais poderoso e decisivo. No trabalho ocasional, quando provavelmente a oportunidade de falar com uma pessoa é única, nosso tema será o essencial: Jesus como Salvador.

2. SABER DETECTAR E APROVEITAR AS OPORTUNIDADES. Quando Jesus viu a Samaritana, aproveitou imediatamente a oportunidade de ganhá-la para o Céu. Da mesma maneira, em viagens, em visitas, hospitais, férias e entrevistas, pode surgir a oportunidade de ganhar uma alma. Também podem-se provocar oportunidades. A questão é ter um radar sensível que detecte a oportunidade e depois aproveitá-la imediatamente; não desdenhá-la nem deixá-la passar; pode ser a última. Quando viajamos, ao ler nossa Bíblia ou nossas revistas chamaremos a atenção e provocaremos curiosidade que rapidamente pode derivar numa conversação espiritual. Muitas almas preciosas, algumas das quais chegarão a ser obreiros na causa, foram chamadas à verdade porque um obreiro ou leigo corajoso lhes falou sem rodeios sobre Cristo. Para isto é necessário desenvolver uma sã audácia cristã e um fervente amor pelas almas.

3. DOMINAR A ARTE DE CATIVAR A ATENÇÃO E DERIVAR A MESMA PARA O ESPIRITUAL. Jesus falou à samaritana sobre um tema que lhe interessava: "a água viva." Aos apóstolos, muitos deles pescadores, convidou-os a ser "pescadores de homens." Não lhes falava sem parábolas, ou seja, assuntos de interesse apresentados de forma cativante.

Da mesma maneira, podemos ter êxito, introduzindo uma conversação que chame a atenção por sua oportunidade, ou a profissão do interessado. Depois fazê-la habilmente derivar para o espiritual. Jesus geralmente apresentava uma grande necessidade ou problema e depois dava de forma clara a solução. Também ilustrava a verdade. A Nicodemos disse: teu problema é que deves nascer de novo. Ilustrou-o da maneira como atua o vento, e depois aplicou a verdade dizendo que esse novo nascimento devia ser por água e espírito.

4. EXPLICAR DE FORMA SIMPLES E CLARA O QUE CRISTO FEZ POR NÓS. O Evangelho "é o poder de Deus." Quando ganhamos a atenção de uma pessoa, nada melhor que aplicar esse poder. A apresentação

de Cristo deve ser clara. Sendo que nossa relação será ocasional terá de prescindir de todo elemento polêmico e argumentativo. A simples e sempre maravilhosa história da vida, morte e ressurreição de Jesus e a verdade maravilhosa de que Ele é nosso único e suficiente Salvador.

5. EFETUAR UM CHAMADO. Depois de explicar a obra de Cristo em nosso favor, corresponde fazer um chamado para aceitá-Lo como Salvador. Temo que hajamos subestimado a importância de aceitar-se a Jesus como Salvador. Preocupa-nos que a pessoa aceite a lei e o sábado e nossas normas. Quando, porém, o carcereiro perguntou: que devo fazer para ser salvo? A resposta foi: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa." Para Paulo, o principal era aceitar a Jesus. A aceitação de Jesus como Salvador é a base de toda a experiência religiosa. A bem-aventurada experiência fará significativas e vivas todas as demais doutrinas.

6. ESTENDER UMA PONTE DE UNIÃO PARA PROSSEGUIR A ATENÇÃO DO INTERESSADO. Nosso encontro com a pessoa foi providencial ou casual, mas logramos interessá-la, e a pessoa aceitou a Cristo. Convém prosseguir a relação para madurá-la. O mais simples seria obter o nome e o endereço da pessoa para fazer-lhe uma visita ou enviar-lhe publicações. Podemos dar-lhe nosso cartão de visita com o endereço da igreja e o horário das reuniões. Podemos inscrevê-la no curso por correspondência. Em todo caso convém ter um arquivo com esses nomes e endereços para enviar-lhes publicações e convidá-los a cultos especiais ou séries de conferências.

CONCLUSÃO.

Como obreiros convém estar alerta em todo momento. Cada dia pode brindar-nos maravilhosas oportunidades de levar almas a Cristo. O segredo é discerni-las e aproveitá-las. Esse contato conosco pode ser a única e última oportunidade dessa alma para salvar-se.

Recordemos a fórmula do êxito que nos legou a Sra. White: "Para que um homem seja pastor de êxito, é essencial alguma coisa mais que o mero conhecimento adquirido em livros. O que labuta por almas, necessita de consagração, integridade, inteligência, operosidade, energia e tato." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 111.

A LEI E A GRAÇA

JAIME CRUZ

Prof. de Teologia do Colégio Montemorelos, México

INTRODUÇÃO GERAL:

O tema a mim designado foi a Lei e a Graça. Há dois anos atrás tive o privilégio de dissertar sobre este importante tema. Ao preparar o de hoje, tenho a mesma opinião de há dois anos, isto é, que o tema A Lei e a Graça é tão vasto e tão importante que pode apresentar-se um tema em cada concílio ministerial sobre este tópico e o material não se esgotaria. Nesta oportunidade dar-se-á ênfase sobre o texto de II Cor. 3:6: "A letra mata, mas o espírito vivifica." Dividi-o em três partes:

1. Os judeus e a lei.
2. O jovem rico e a lei.
3. Os adventistas e a lei.

Vejamos pois a primeira parte.

Os judeus e a lei



Há um grupo de pessoas mencionado muitas vezes no Novo Testamento, e entretanto, não temos tomado tempo para estudá-lo detidamente para ver a função que estas pessoas desempenham. Este grupo de pessoas eram os pastores adventistas do sétimo dia de seu tempo. Seu cargo ou função principal era o de ensinar ao povo como alcançar a salvação. Dividi este grupo da seguinte maneira: 1) Os licenciados; 2) Os que têm Mestrado em Divindades (Master of Divinity); 3) Os doutores; 4) Os rabinos. Cada um deles tem uma palavra especial que o escritor do Novo Testamento lhe atribui.

A. *Os licenciados (Grammateús)*. Os licenciados da lei são nada menos que os que comumente chamamos escribas ou secretários. Literalmente a palavra escriba significa "o homem do livro." A tradução de licenciado não é nada incorreta, tampouco superficial, é conceito apenas para ajustar-se ao tema que apresento. Tal como o licenciado de hoje, sua função também tratava do que tivesse que ver com a lei; era uma pessoa importante. Uma boa parte dos fariseus era composta de escribas, e um grupo pequeno dos saduceus era formado também de escribas (S. Mat. 2:4; 7:29; 12:38 etc.).

B. *Os que tinham Mestrado em Divindades (Nomikós)*. A tradução de Valera chama a este grupo "sábios da lei," "intérpretes da lei," "doutores da lei," e a Versão Almeida revista os chama "intérpretes da lei" (S. Luc. 7:30; 11:45 e 52; 14:3; S. Mat. 22:35).

C. *Os doutores da lei (Nomodidáskalos)*. Um exemplo deste grupo de pessoas o temos em Gamaliel. A tradução que as versões fazem para esta palavra também é igual à palavra anterior, mas no original podemos ver que se usa outra palavra. Talvez a melhor tradução seja "Mestre da lei," conforme nossa Almeida revista (Atos 5:34; S. Luc. 5:17; I Tim. 1:7).

D. *Os rabinos (Rabbi)*. Depois de estudos profundos no judaísmo e depois de mostrarem-se dignos do título eram ordenados e chegavam a ser Rabinos, ou como S. João 1:38 o interpreta "Mestre." Era o exegeta da lei, o mestre da lei e um juiz no tribunal eclesiástico.

A função principal destes grupos tão seletos

era a interpretação da lei, e todos gozavam, entre os judeus, de uma reputação excelente (S. Mat. 23:6 e 7; S. Mar. 12:38), devido ao seu conhecimento da lei e da tradição oral.

Sociologicamente falando, consideravam-se os sucessores diretos dos profetas, homens que conheciam a vontade divina e a proclamavam, instruindo, julgando e pregando.

No que respeita a sua profissão, consideravam-se sucessores de Esdras, que segundo nos diz o livro que leva seu nome (Esdras 7:10) tinha disposto o coração a fazer três coisas importantes:

1. Buscar a lei de Deus (*Midrash*).
2. Cumprir (*Halakah* — tradição dos pais; primeiro oral, depois escrita).
3. Ensinar a Israel seus preceitos e documentos (*Haggadah* — o ensino oral, ilustrações, anedotário, lendas).

Cada detalhe da vida privada, familiar e pública era coberta e regulada por este grupo de pessoas. Jesus disse deles: "Atam fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los." S. Mat. 23:4. Mencionaremos alguns destes regulamentos:

1. *Cerimônias*: S. Mat. 15:2: "Por que transgridem os Teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem." Referiam-se ao ato cerimonial ou ritualístico, não ao sanitário (comparar com S. Mat. 23:25).

2. *Dízimo*: S. Mat. 23:23: "Dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho..." Coavam o mosquito e engoliam o camelo (verso 24). Com escrupuloso cuidado dizimavam, apegando-se à LETRA DA LEI e se esqueciam do ESPÍRITO DA LEI: Amar a Deus e ao próximo.

3. *Observância do sábado*: S. Mat. 12:2. "Teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado."

S. Mat. 12:10. "É lícito curar no sábado?" Nos regulamentos rabínicos quase não havia provisão para aliviar o necessitado no sábado.

O *Desejado de Todas as Nações*, págs. 144 e 145, diz: "O restabelecido paralítico curvou-se para apanhar seu leito, que era apenas uma esteira e um cobertor... De sobrolho carregado, interromperam-no, perguntando-lhe por que estava conduzindo seu leito no sábado... Em seu juízo, não somente havia quebrado a lei em curar o enfermo no sábado, mas cometera sacrilégio em lhe mandar que levasse a cama."

S. João 9. Todo o capítulo nos fala do conflito de Jesus com os fariseus sobre a lei, pois diz o verso 14: "E era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos."

Entre seus muitos outros regulamentos tinham por exemplo um que estabelecia: "Nenhum homem podia usar uma perna de pau

no sábado, até que se estabelecesse o peso correto, isto é, que a perna de pau pesasse um pouquinho menos que a verdadeira."

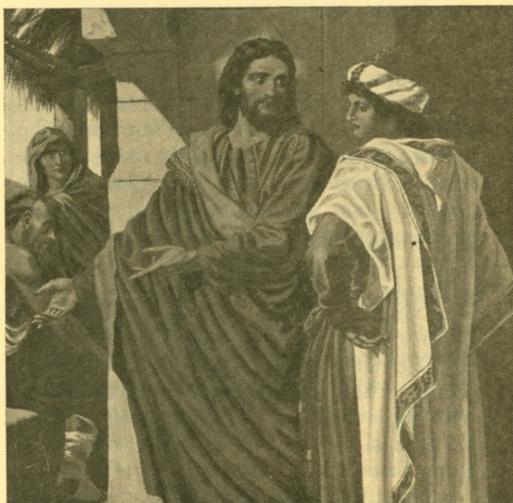
O Mishna tem 39 regulamentos principais sobre os tipos de trabalho que se podiam fazer no sábado. Onze deles tratavam da produção e preparação do pão; o segar, semear, colher etc. Os seguintes doze se aplicavam à confecção da roupa, e ao tosquir das ovelhas. Os sete seguintes tratavam da preparação de um animal para utilização de seu produto no preparo de comidas ou do uso do couro. Os restantes tinham que ver com escrituração, construções, extinção de incêndios, transporte de artigos de um lugar a outro etc.

Assim é que o sábado, o dia designado por Deus para que o homem tivesse uma oportunidade de comunicar-se com seu Criador, através das coisas que Ele criara, chegou a ser uma carga insuportável.

A LETRA MATA. Por isso é que Jesus ataca o falso ensino desses homens que conheciam a lei à perfeição. Jesus vê a falta de *humildade* (S. Mat. 23:5), *desinteresse próprio* (S. Mar. 12:40), *sinceridade* (S. Mar. 12:40) neles. Homens cujo interesse era a LETRA DA LEI. Não haverá um paralelo entre nós e eles? Se assim é, vejamos as palavras de Jesus em S. Mat. 5:20: "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus."

As Escrituras registram que entre os escribas houve alguns que responderam ao chamado do Mestre. Um deles, diz S. Mat. 8:19, disse a Jesus: "Mestre, seguir-Te-ei para onde quer que fores." S. Mat. 23:34: "Eu vos envio profetas, sábios e escribas." S. Mat. 13:52: "Por isso todo escriba..."

O jovem rico e a lei



Dizem-nos as Escrituras que enquanto Jesus estava deixando um dos povoados de Peréia (S. Mar. 10:17), “correu um homem ao Seu encontro.” Parece que o jovem presenciara o que Jesus fizera e não queria deixar passar por alto a oportunidade do momento. Jesus já estava saindo e ele Lhe manifesta sua decisão de entabular conversação e Lhe expressa seus sentimentos de obter a vida eterna.

Começa dizendo-Lhe: “Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” S. Mat. 19:16.

Sua pergunta reflete o conceito farisaico da JUSTIFICAÇÃO PELAS OBRAS como um passaporte para “obter a vida eterna.” A LETRA DA LEI.

“Esse príncipe tinha em alta conta sua própria justiça. Não pensava, na verdade, que faltasse em qualquer coisa; contudo, não estava de todo satisfeito. Sentia a falta de algo que não possuía. Não poderia Jesus abençoá-lo assim como fizera às criancinhas, e satisfazer-lhe a necessidade da alma?” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 386.

A pergunta que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna? é respondida por Jesus: “Guarda os mandamentos.” Verso 17. A referência é clara e distinta aos Dez Mandamentos. Ao Jesus dizer-lhe que para obter a vida eterna tinha que “guardar os mandamentos” queria que o jovem rico revelasse o caráter de Deus, e o significado da palavra caráter aqui é AMOR (I S. João 4:7-12).

O jovem rico professava amar a Deus, porém, a prova de que O amava deveria demonstrá-la em seu trato com os semelhantes (I S. João 4:20). E ao perguntar ele “quais?” Jesus lhe diz: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Verso 19.

A resposta de Jesus tocou a parte sensível, ou como diz *O Desejado*, pág. 387, “o foco infeccioso do caráter,” pois demonstrava que ele amava a si mesmo mais do que a seus semelhantes. Embora houvesse ele “observado” todos os mandamentos, simplesmente se apegara à LETRA DA LEI mas não ao espírito dela; contudo achava estar em harmonia com os princípios, por isso Jesus procura abrir-lhe os olhos para o fato de que os princípios da lei devem ser conscienciosamente aplicados a todas nossas relações e práticas da vida. E ao perguntar-Lhe ele com toda sinceridade: “Que me falta ainda?” confiava que se encontrava a poucos passos da perfeição. Apesar de achar que estava diligentemente guardando A LETRA DA LEI, sentia, contudo, que faltava alguma coisa, mas não sabia realmente o que era. Ao contemplar-se a si mesmo, via que sua vida tinha sido pura, justa e boa: não roubara, não adulterara nem mentira, nem dera falso testemunho.

Nada disto fizera — A LETRA DA LEI.

Sua atitude, entretanto, com seus semelhantes fora negativa. O Evangelho demanda ação positiva: amar a nossos semelhantes como a nós mesmos. E assim como não há limite de quanto devemos amar a nós mesmos, tampouco há limite de quanto devemos amar a nosso próximo. “Uma só coisa lhe faltava, mas essa era um princípio vital. Carecia do amor de Deus na alma. Essa falta, a menos que fosse suprida, demonstrar-se-ia fatal para ele; toda a sua natureza se corromperia. Com a condescendência, fortalecer-se-ia o egoísmo. Para que recebesse o amor de Deus, deveria ser subjugado seu supremo amor do próprio eu.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 387.

O jovem precisava experimentar uma mudança completa de vida: sua mente devia ser transformada, seus objetivos mudados; “vai, vende os teus bens dá aos pobres,” disse-lhe Jesus, para que te possas curar desse ÚNICO defeito que te resta: o EGOÍSMO. Pois a menos que essa influência egoísta fosse removida, o jovem rico não podia continuar seu progresso rumo à perfeição. Que mudança de cena! A princípio veio correndo, desejoso de ser um discípulo de Jesus, mas quando se retira vai cabisbaixo, pensativo, triste.

Irmãos, o câncer do pecado varia de indivíduo para indivíduo, e o remédio que Jesus dá varia também de indivíduo para indivíduo. A Pedro, André, Tiago e João, Jesus não lhes disse: “Vão e vendam seus barquinhos pesqueiros.” Para eles esse não era o problema. Quando, porém, Jesus os chama, S. Lucas 5:11 diz: “Deixando tudo, O seguiram.” Qualquer coisa que um homem ame mais que a Cristo o torna indigno seguidor dEle. A cruz do jovem lhe foi dada; ele, porém, recusou levá-la. Diz *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 387, que “houvesse feito essa escolha, e quão diferente teria sido seu futuro!”

Os adventistas do sétimo dia e a lei



A LETRA MATA

Uma das características que nos distinguem como povo é que observamos os Dez Mandamentos como as Sagradas Escrituras nos mandam. Nós nos sentimos orgulhosos de pertencer a esse povo remanescente que tem essa característica básica. Mas minha pergunta é: quantos dos leitores sentimos que estamos observando a lei de Deus? Quantos de nós sentimos deveras que somos representantes dignos desse povo remanescente que Deus tem? Encanta-nos pregar a lei de Deus. Queremos que o mundo saiba que eles estão transgredindo esse legado divino. Vejamos o que diz a serva de Deus: 'O sermão mais eloqüente que se possa pregar sobre a lei dos Dez Mandamentos é CUMPRILOS. A obediência deverá ser pessoal.' — 4T, pág. 58.

A letra da lei mata. Pregiar os Dez Mandamentos não é suficiente. Devemos cumpri-los. Encho-me de tristeza porque creio que estamos muito longe deste ideal. Creio que não estamos seguindo o plano divino, mas estamos preocupados pelas minúcias. Perguntavam-se há alguns dias na Caixa de Perguntas, se é lícito tomar banho no sábado e se é lícito enfeitar-se no sábado. Mas, que dizer de nossa conversação nesse dia? Quantas vezes nos encontramos fazendo nossa vontade, e falando nossas próprias palavras nesse dia!

"Nenhuma outra das instituições dadas aos judeus tendia a distingui-los tão completamente das nações circunvizinhas, como o sábado. Era intenção do Senhor que sua observância os designasse como adoradores Seus. Seria um sinal de sua separação da idolatria, e ligação com o verdadeiro Deus. Mas a fim de santificar o sábado, os homens precisam ser eles próprios santos. Devem, pela fé, tornar-se participantes da justiça de Cristo. Quando foi dado a Israel o mandamento: 'Lembra-te do dia do sábado, para o santificar,' o Senhor lhes disse também: 'E ser-Me-eis homens santos.' Só assim poderia o sábado distinguir Israel como os adoradores de Deus." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 206.

A observância dos mandamentos está intimamente ligada à palavra *santificação*, e para isso vou citar vários trechos da serva do Senhor.

"A verdadeira santificação será evidenciada por uma escrupulosa observância dos mandamentos de Deus." — RH, 5 de outubro de 1886.

"Aqueles que desonram a Deus transgredindo Sua lei podem falar de santificação, mas não tem nenhum valor; sua oferta é tão aceita como a de Caim. Obediência à lei de Deus é o ÚNICO SINAL DE SANTIFICAÇÃO; DESOBEDIÊNCIA é o sinal de deslealdade e APOSTASIA." — MS 41, 1897.

"Deus escolheu os homens desde a eterni-

dade para que sejam santos. 'Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.' A lei de Deus não tolera o pecado, mas requer perfeita obediência. O eco da voz de Deus nos chega sempre dizendo: Santo, mais Santo ainda. E nossa resposta deve ser: Sim, Senhor, mais santo ainda. A santidade está ao alcance de todos os que a buscam por fé, não por suas boas obras, mas pelos méritos de Cristo. O poder divino é provido para cada alma que está lutando pela vitória sobre o pecado e Satanás."

OBSERVAR A LEI DE DEUS

"Cada jota e cada til da lei de Deus é uma garantia de perfeito descanso e segurança se é obedecida. Se obedecéis a estes mandamentos, achareis em cada detalhe a mais preciosa promessa. Tomai a Jesus como vosso sócio. Pedilhe Sua ajuda para guardardes a lei de Deus. Ele será vosso protetor e conselheiro, um guia que nunca vos extraviará." — RH, 26 de janeiro de 1897.

"Satanás declarara que era impossível ao homem obedecer aos mandamentos de Deus; e é verdade que por nossa própria força não lhes podemos obedecer. Cristo, porém, veio na forma humana, e por Sua perfeita obediência provou que a humanidade e a divindade combinadas podem obedecer os preceitos de Deus." — *Parábolas de Jesus*, pág. 314.

Permita Deus que estes conselhos nos sirvam para confirmar a voz de Deus que nos chega dizendo: "Santo, mais santo ainda," e que nossa resposta seja: "Sim, Senhor, mais santo ainda."

CRISTÃOS ATAREFADOS, PORÉM ...

"Uma razão pela qual o êxito da igreja é tão enganoso, é que tal êxito tornou possível que a igreja desenvolvesse todo um programa de atividades que pode manter uma pessoa ocupada, sem que esteja em contato com o Cristo ressuscitado ou com o mundo necessitado. A igreja desenvolveu uma espécie de vida cultural e institucional própria que é bastante independente da vida de Cristo e da vida do mundo." — Wesley Nelson, em *Gospel Herald*.

Considerações Sobre a Trindade - I

ARISTARCO PINHEIRO DE MATOS

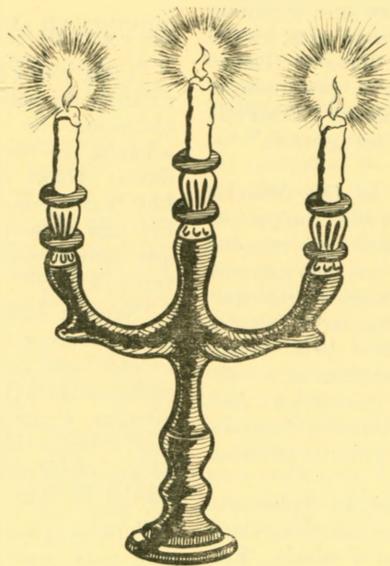
DOUTRINA importante é esta. Nestas considerações vamos deixar a Bíblia falar-nos. Ela tem muito que nos falar sobre a Trindade. O importante é chegarmos a ela sem idéias preconcebidas. E não só isto, mas devemos estar dispostos a aceitar o que ela disser, mesmo que vá de encontro às nossas anteriores convicções. Assim ela revelar-nos-á maravilhas.

A palavra Trindade não aparece nas Escrituras Sagradas; isto no entanto não quer dizer nada, porque também o mesmo acontece com os termos: Milênio, Bíblia, Teologia etc., e nem por isto os rejeitamos. O termo não se acha expresso, mas a doutrina lá está, e isto basta para nós.

O termo Trindade é de origem latina, e significa "TRÊS EM UM." Foi Tertuliano (155-200 AD), o primeiro a empregá-lo assim. Em língua grega, porém, foi Teófilo de Antioquia (2.º séc. AD), o primeiro a empregá-lo.

Tanto o Velho como o Novo Testamentos abundantemente falam a respeito da Trindade, mas não nos dão uma definição distinta, ou seja, um tratado formal da doutrina. Isto, porém, não é só com respeito à Trindade, mas com outras doutrinas que aceitamos. Por exemplo, a Ressurreição. Nem Paulo, nem nenhum outro escritor sagrado, se deteve algum dia e disse: "Hoje vou tratar do assunto da Ressurreição;" e então escreveu um tratado formal sobre o tema. Isto não. Mas nas cartas paulinas, e em outras, podemos ver que a Ressurreição é uma doutrina bíblica. E o mesmo se dá com a doutrina da Trindade.

Ao inquiridor sincero, porém, resta saber se tal doutrina é compatível com a Bíblia. Para isto basta ver o que ela tem a dizer sobre o assunto. Isto foi o que fizeram os teólogos dos primeiros séculos de nossa era. Como foram os primeiros



a fazer tal estudo sistemático, alguns acertaram melhor o alvo, e outros não. Passou muito tempo, até que surgiu um credo trinitário.

Os pais apostólicos foram estritamente monoteístas. O termo PAI para eles não significava a primeira pessoa da Trindade, mas sim, a Divindade toda.

Tertuliano (o que usou o termo Trindade pela primeira vez, em latim) explica a Trindade pela comparação de três canais de um rio. Em determinado trecho o rio trifurca-se, mas o rio é o mesmo.

Já Agostinho (354-430 AD), na sua famosa obra DE TRINDADE (onde defende a Trindade), mostra a Trindade pela lógica. Fala ele: I S. João 4:16 diz que Deus é amor. Mal. 3:6 diz que Deus não muda. Por esta razão Deus sempre teve o atributo do amor. Mas não pode haver amor onde não há uma pessoa para ser amada. Uma única pessoa não pode amar. Deve existir, para que haja amor, no mínimo duas pessoas. Uma para amar e a outra para receber este amor. Deus é um companheirismo eterno.

Durante quase todo o tempo da Idade Média, os teólogos seguem o pensamento agostiniano.

No século XVI os reformadores seguem o credo atanasiano (que fixa a doutrina da Trindade).

Mas, foi um homem chamado Fausto Socínio (nasceu na Itália em 1539), quem atacou duramente a divindade de Jesus, tornando-se vigoroso antitrinitarista (foi o mais importante de seu tempo). Os unitários modernos, num sentido, podem ser chamados de filhos espirituais de Socínio.

Nesta altura devemos dizer que, com a razão humana, não podemos compreender de maneira

nenhuma a doutrina da Trindade. Mas quem pode pela mesma razão humana, divorciada da revelação, compreender plenamente a Deus, a Expição e a Encarnação? Diz Sabatini Lalli: "A doutrina da Trindade, inexplicável à luz da razão, é fato da Revelação de Deus feita aos homens. Deus é mistério com Trindade ou sem ela, e, portanto, negar esta doutrina para eliminar a aura de mistério que a envolve, redundaria em pura perda, pois Deus será sempre incompreensível à razão limitada dos homens." — *O Logos Eterno*, pág. 1.

Alegar que não devemos aceitar a doutrina da Trindade, pelo fato de os pagãos terem suas doutrinas sobre trindade compostas de divindades pagãs, não fez nenhum sentido. É bem verdade que os antigos gregos tinham a sua crença numa trindade composta por Átina, Apolo e Zeus. A dos romanos: Júpiter, Netuno e Plutão. E a dos egípcios: Osíris, Ísis e Harus. Mas também, baseados neste ponto de vista, não deveríamos repudiar o relatório sagrado do dilúvio, pelo fato de os babilônios e os egípcios fazerem menção a ele? (Imagine o leitor, quanta coisa teríamos que riscar da Bíblia, só pelo simples fato de os pagãos lhe terem feito, de alguma maneira, qualquer referência).

Do Gênesis ao Apocalipse a Bíblia sempre se refere a três Seres Santíssimos; ora Os chama de Criador, ora de Salvador, ou Redentor, ora de Deus. Mostra os Três recebendo santa adoração e honra. E isto é muito importante para o nosso estudo.

O fato de o Espírito Santo ser mencionado em terceiro lugar e Jesus em segundo, não O diminui em nada. "A divindade tem Sua economia própria, o Seu governo. Nesta economia, Deus Pai, representa (mal diria) o 'chefe' da Divindade. É Ele que *manda* o Filho, e *ordena* ao Espírito Santo. Ora, estas ordens são puramente econômicas, são modos de dizer coisas divinas em palavras humanas. São modos de administrar, que só entendemos por comparação." — Antonio Neves Mesquita, *A Doutrina da Trindade no Velho Testamento*, pág. 35.

Antonio Neves de Mesquita, no livro de onde se tirou o trecho acima, faz a seguinte comparação para se entender a economia da Trindade: "Se me fosse permitida uma comparação, eu a daria, invocando os três poderes da República: Executivo, Legislativo e Judiciário. Os três são autônomos, os três independem entre si. Um não é superior ao outro, mas completam uma obra que um só não poderia fazer. Quando o poder executivo cumpre uma lei do Congresso, não está sendo diminuída a sua autoridade, apenas porque executa a lei; do mesmo modo,

quando o Congresso aceita um anteprojeto do Executivo, não se sente diminuído por isso, pois é a sua função. Do mesmo modo quando o Judiciário reconhece como inconstitucional uma lei, seja do Executivo, seja do Legislativo, nenhuma idéia existe de superioridade deste sobre os outros dois poderes. Cada qual em sua função, permanece autônomo e soberano, realizando os TRÊS uma obra que é a da nação." — *Idem*, pág. 134.

O ANJO DO SENHOR

Freqüentemente aparece no Velho Testamento um Personagem que recebe adoração merecida, e por vezes é chamado de Messias, Miguel, Servo do Senhor e Anjo do Senhor (a língua hebraica dá margens para que a expressão o Anjo do Senhor seja traduzida para o "Anjo que é o Senhor"). Interessante é que às vezes o escritor está-se referindo ao "Anjo do Senhor," para logo identificá-lo como sendo o Senhor, ou mesmo Deus.

Hagar, a egípcia, fora despedida por Abraão. "E o anjo do Senhor a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte do caminho de Sur." Gên. 16:7. Ali há um diálogo entre Hagar e Aquele Estranho (que era o anjo do Senhor sem que ela soubesse). Após o santo colóquio, a Escritura diz que "ela chamou o nome do Senhor (JHVH) que com ela falava: Tu és Deus (EL) da vista." Gên. 16:13. Não era Deus o Pai. (Outros exemplos: Gên. 22:11-18; 31:11-13; 32:22-30; Jos. 5:13-15 e 6:2; Juí. 13:1-22; Osé. 12:3-6 e Zac. 3:1-6).

No capítulo 18 de Gênesis, lemos de três visitantes que chegaram ao lar de Abraão. Dois eram anjos, o outro é chamado várias vezes de SENHOR (JHVH). Em determinada altura, é dito: "Disse mais o SENHOR (JHVH): Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito. Descerei agora, e verei se com efeito tem praticado segundo este clamor, que é vindo até Mim, e se não, sabê-lo-ei. Então viraram aqueles varões o rosto dali, e foram-se para Sodoma; mas Abraão ficou em pé, diante da face do SENHOR (JHVH)." Gên. 18:20-22.

Se fizermos um confronto entre o verso 21 acima citado, com Gên. 11:5-7, notaremos logo: O quadro é bem parecido. "Deus desce para ver," diz ambos os textos. Em todos os dois casos a maldade do povo foi constatada. Mas uma grande diferença salta à vista. Com referência ao povo antediluviano, é-nos dito que "desceu o Senhor para ver" (Gên. 11:5), para logo em seguida, no verso 7, usar a forma

(Continua na pág. 20)

O Diretor

Faz 10

Perguntas

à

Telepaz

A EVANGELIZAÇÃO por telefone surgiu como uma possibilidade de alcançar o povo com uma mensagem de ânimo e otimismo por meio do telefone. A experiência realizada em outras divisões havia dado excelentes resultados. Em vários campos sul-americanos haviam sido tomados alguns votos de Mesa, a maior parte deles destinada ao esquecimento.

Alguns, contudo, foram adiante com entusiasmo. Tal é o caso da igreja central de Curitiba. Dirigida pelo Pastor Assad Bechara, esta igreja decidiu fazer uma prova. Também o Auditório Guanabara fez o mesmo, no Rio de Janeiro, onde o plano continua funcionando com bons resultados.

Talvez a melhor experiência tenha sido a da igreja de Curitiba. Por esta razão entrevistamos o Pastor Bechara, atualmente diretor MV da União Este-Brasileira.

P. Quando começou o programa Telepaz em Curitiba?

R. Este serviço está funcionando desde 25 de março de 1971.

P. Que tipo de equipamento é necessário para operar o programa, e qual o seu custo?

R. O plano consiste em acoplar ao telefone um aparelho eletrônico que contém dois gravadores e dois circuitos independentes. O seu custo é cerca de 1.200 dólares, mas nós o conseguimos com um desconto especial, devido à finalidade do equipamento, tendo ficado em 705 dólares.

P. Poderia explicar de forma breve como funciona a evangelização por telefone?

R. Gravamos a mensagem que pretendemos transmitir. Quando o interessado disca o número do telefone, a partir do segundo sinal, automaticamente, a mensagem começa a ser ouvida pela pessoa. Essa mensagem está preparada para servir em todos os casos de modo geral, criando um ambiente de confiança e fé. Um fundo musical suave, geralmente órgão, acompanha a voz calma e amigável. Terminada a emissão, o consultante tem a oportunidade de falar ao ouvir o sinal. Nesta altura fecha-se o circuito e abre-se um novo. Quando a pessoa manifesta sua apreciação, ou deixa o nome, o telefone ou endereço, ou está falando a respeito de suas dificuldades e problemas, um segundo gravador está registrando tudo. Ao terminar de falar, em poucos segundos, o último circuito fecha-se e tudo fica preparado para uma segunda chamada. O mesmo acontece quando o ouvinte não quer falar nada. Automaticamente, em questão de segundos, o apare-

O evangelismo telefônico é uma das maiores oportunidades do momento.



lho se libera para uma nova chamada. As mensagens são dirigidas pelo professor Dario Pires de Araújo.

P. Imagino que o plano não se limita a esse contato telefônico. Estabelecem contato com os que têm problemas especiais?

R. Os casos urgentes são atendidos diariamente pelas pessoas e conselheiros do turno, em Curitiba. Na capital paranaense formou-se uma equipe de 90 voluntários para este serviço extraordinário.

P. Foi planejado um sistema para relacionar com as igrejas os que foram atendidos por Telepaz?

R. Em virtude da grande quantidade de consultas, a igreja, com um voto da Associação, resolveu abrir suas portas a primeiro de junho de 1971, a fim de ter pessoas de turno permanente. Desde esse dia, as portas da Igreja Central de Curitiba não se fecharam nunca. Estão sempre abertas para oração, meditação e conselho. Não somente as pessoas de fora, mas também as da igreja, buscam refúgio nos átrios sagrados nas mais variadas horas do dia ou da noite.

P. Ao visitar a Igreja Central de Curitiba, pude apreciar uma extraordinária ampliação de instalações e serviços destinados a Telepaz. Digam-nos alguma coisa sobre tais planos.

R. O equipamento de Curitiba é um dos maiores do mundo. Recebeu nos primeiros dez meses de atividade 180.000 chamadas. Registraram-se também chamadas interurbanas provenientes de 18 Estados brasileiros. O equipamento foi ampliado para receber diariamente até 1.500 chamadas. Há cinco unidades, estando três acopladas a linhas telefônicas, e duas em reserva para emergências. Além dos três telefones que estão ligados às unidades, há dois mais que estão sempre livres para chamadas diretas e contatos com o demandante. Há uma sala, finamente decorada, para receber pessoas que buscam conselho. Nela trabalham duas senhoritas que colocam em fichas os dados diários. A sala seguinte é a do estúdio propriamente dito. A seguir vem a "sala azul," inteiramente atapetada, para receber famílias inteiras traumatizadas. Esta sala está equipada para projetar diapositivos, transmitir música e palestras sobre o significado da vida e a grande esperança do coração humano. Há além disto o departamento para os que fazem turnos. Tudo foi muito modesto no início.

P. Falemos um pouco quanto aos resultados obtidos por meio deste trabalho. Poderíamos pedir que partilhe com os leitores algum caso de ajuda prestada, e que o tem impressionado de modo especial?

R. A igreja tem mais prestígio diante das autoridades, sendo mais conhecida e querida por quase toda a cidade.

No último dia do ano de 1971, uma família inteira entrou na igreja a fim de receber alívio e encontrar silêncio e paz. Foram todos socorrer-se do povo de Deus. Sabiam que ali há sempre uma luz acessível para confortar o coração.

Os jovens também vão no silêncio da noite para orar. Afligidos e desesperados, buscam ali a paz, a compreensão e segurança.

Uma jovem, depois de haver aberto as veias, discou para Telepaz. Sua voz rouca transmitia terror e angústia. Depois de vários minutos de ansiosa conversação, o conselheiro e a desesperada consultante estavam de joelhos, em fervorosa oração, distantes um do outro por vários quilômetros. Três horas depois, a jovem voltou a chamar para agradecer a transformação. Depois daquela oração, procurou recursos médicos, que antes recusava terminantemente, pois queria morrer. Agora podia-se perceber um sorriso em seus lábios quando agradecia: "Depois que minhas feridas cicatrizarem, quero conhecer a igreja que me salvou."

Faz pouco tempo, uma senhora chamou, perguntando se seu filho podia frequentar a igreja de Telepaz. Seu esposo faleceu quando o menino tinha apenas dois anos, e durante dezoito anos jamais experimentou o calor de um conselho paterno. Ao cruzar as portas abertas do templo encontrou uma palavra orientadora, amável, paternal, e um braço forte, amigo, sobre o seu ombro. Sentiu paz.

P. Planejaram ou realizaram alguma reunião pública a fim de atrair para a igreja aqueles que recorreram a Telepaz?

R. O culto para os amigos de Telepaz, anunciado por telefone e também enviado convite a todos os endereços arquivados, traz à igreja pela primeira vez, centenas de consultantes, despertando em muitos deles um profundo interesse pela verdade. Como fruto, muitas famílias estão estudando o plano de A Bíblia Fala.

P. Depois de uma experiência mais ou menos longa, qual a sua impressão sobre as possibilidades da evangelização telefônica?

R. Até o momento contamos com Telepaz como sendo uma das mais eficazes armas de relacionamento público da igreja. Instantaneamente desperta apreço, interesse, consideração,

da parte do povo para com o povo de Deus. É um potencial evangelístico quase ilimitado.

No evangelismo convencional, indispensável até a volta de Cristo, temos de inverter, às vezes, avultadas somas e muita luta para conseguir grandes auditórios. É um esforço agressivo tremendo, aliado a uma psicologia sutil, a fim de que, gozando de simpatia e confiança, possamos entrar nos lares e abrir a Palavra de Deus.

No evangelismo telefônico, em vez de agredir, somos agredidos. Somos atacados por todos os lados. Somos buscados por milhares de pessoas que nos fazem perguntas, insistem em nos conhecer, pedem nossas visitas, procuram nossas sugestões e muitas vezes exigem que lhes demos orientação de salvação e paz.

P. Deseja dar alguma recomendação final para os leitores de *Ministério Adventista*?

R. Creio que o evangelismo telefônico é uma das maiores oportunidades do momento. Se somos rápidos e valentes para instalar Telepaz em nossa igreja, havemos de constatar em seguida esta verdade. A tutela espiritual de nossa comunidade estará em nossas mãos, e daremos um grande passo para abreviar a volta de Jesus.

VOTO DO OBREIRO ADVENTISTA

Oh, Senhor de minha vida,

Meu Deus, meu Salvador,

Por Teu amor inefável,

Pela necessidade urgente do mundo

Censagro a Ti:

o meu ser,

o meu pensamento,

a minha energia,

o meu serviço,

o meu testemunho,

o meu amor.

A fim de poder atrair:

a juventude,

os adultos,

os velhos,

Para junto de Teu Filho,

para salvação eterna de todos eles.

Ajuda-me, peço-Te,

a cumprir o meu propósito diariamente,

por meio da graça inesgotável do Teu Espírito,

pelo amor de Jesus.

Amém.

A Pedra de Roseta

JOAQUIM A. MORGADO

Pastor na União Angolana

ENTRE os muitos monumentos que podemos observar no Museu Britânico, e que dizem respeito ao Egito, sobressai a chamada "Pedra de Roseta." Foi graças à sua descoberta que se tornou possível encontrar a "chave" para a leitura dos sinais hieroglíficos. As pirâmides, os túmulos, os templos, com as suas paredes cobertas por desenhos, cinzelados ou pintados, desafiaram durante séculos a paciência dos estudiosos.

Foi descoberta no século passado — quando Napoleão invadiu o Egito, e os seus soldados foram até ao delta em julho de 1799 por um jovem oficial de Engenharia, Bouchard, que com os seus soldados estava encarregado de aumentar o forte de S. Julião da Roseta (Rashid), na embocadura do Nilo.

Um dos relatos da descoberta afirma que a pedra se encontrava no chão; outros dizem que estaria incluída numa parede que foi destruída para obter material. Logo que o jovem oficial verificou as inscrições que nela havia — de 3 espécies diferentes — teve a noção da sua importância, o que o levou a participar o achado aos seus superiores, que a fizeram transportar para o Cairo, onde se encontravam alguns cientistas que Napoleão havia trazido, incluídos na sua Expedição.

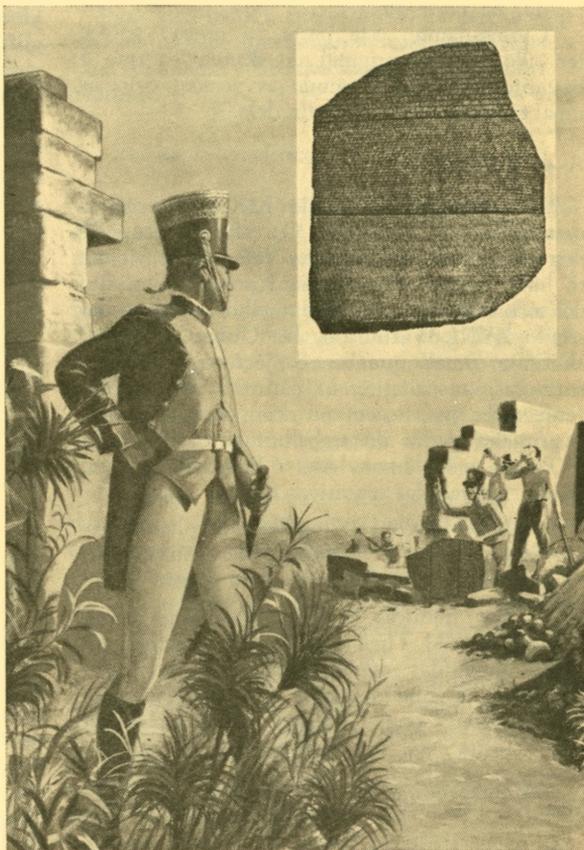
Jean Joseph Marcel e Reni Raige, identificaram um dos pedaços como uma forma de "escrita hieroglífica;" nada mais, porém, foi feito para a decifrar. Napoleão ordenou a vinda de dois desenhadores de Paris — Macel e Gammand — para fazerem cópias a serem remetidas aos centros de estudo da Europa. O plano seguido foi o de cobrir a superfície da pedra com tinta de imprensa, e depois colocar uma folha de papel em cima, que sendo pressionada por um rolo de borracha, daria uma cópia exata dos caracteres.

A pedra, entretanto, ficou no Cairo quase esquecida, depois da retirada de Napoleão, até que, depois das operações de guerra da Inglaterra, no mesmo terri-

tório, um tratado de capitulação foi assinado em 1801. No art.º XVI a Pedra Roseta, e outras preciosidades arqueológicas, deveriam ser entregues.

Depois de várias dificuldades, chegou a Portsmouth, em fevereiro de 1802, e a 11 de março deu entrada na Sociedade dos Antiquários, e no fim do mesmo ano, no Museu Britânico. Foram ali, também, feitas várias cópias e enviadas às Universidades de Oxford, Cambridge, Edinburg e Dublin, e a outras sociedades e Universidades da Europa.

A Pedra de Roseta é de basalto preto, apresentando os lados irregulares, com as medidas de 1,15 m de altura, por 66 cm de largura, e 28



cm de espessura. As partes superior direita e inferior esquerda, parecem encontrar-se danificadas, pensando alguns que teria mais 30 cm de altura, com o topo arredondado e possivelmente ilustrado com alguns relevos. Segundo todas as probabilidades, deveria encontrar-se, originalmente, erguida junto do templo, em Mênfis.

A Inscrição

A inscrição na Pedra de Roseta, está vasada em duas línguas: o egípcio e o grego. Do Egípcio havia duas versões:

I. *Hieróglifos* — a antiga escrita em figuras, e que se empregava em documentos cerimoniais e de Estado. Cinzelavam-se, ou pintavam-se, nas paredes de monumentos, túmulos etc. Esta parte da inscrição é constituída por 14 linhas, que corresponde às últimas 28 do grego.

II. *Demótica* — que é a forma modificada e abreviada dos hieráticos ou cursivos, correspondente aos hieróglifos. Desta escrita havia 32 linhas, das quais 14 incompletas, nos começos.

A inscrição em grego, estava gravada em unciais. Era constituída por 54 linhas, das quais as 26 últimas não estavam em perfeito estado, na parte final.

“Curiosamente, esta parte (a grega) parece ter sido o texto original do decreto, o que é bastante interessante, sendo as versões egípcias uma tradução livre a partir dela.”⁵

A decifração

“No princípio do século XIX, nem sequer uma palavra se podia ler. Os esforços dispendidos pelos estudiosos italianos Valeriano e Mercati, haviam sido infrutíferos; Kircher, o erudito do século XVII, não teve melhor sorte; e no século XVIII Warburton, De Guignes, e Zorga, emitiram umas quantas conjecturas, certas e frutuosas, respeitante à natureza da escrita, conjecturas que, no entanto, constituíram apenas a primeira pedra do trabalho da decifração.”⁵

Tendo agora como base a Pedra de Roseta, eis um resumo das tentativas feitas:

1. Em abril de 1802, o Rev. Stephen Weston leu perante a Sociedade dos Antiquários (Londres), uma tradução do texto grego.

2. Uma tradução francesa, do mesmo texto, é feita por DU Theil (que havia recebido, em 1800, uma das cópias mandadas fazer por Napoleão, e que haviam sido trazidas para França, pelo General Dugua.) Ele esclareceu que a pedra “era um monumento de gratidão de alguns sacerdotes de Alexandria, ou de algum lugar dos arredores, para com Ptolomeu Epifânio.

3. Uma tradução latina, do mesmo trecho,

feita por Ameilhon, apareceu em Paris, na mesma altura.

4. Em 1802, Silvestre de Sacy, francês, e Akerblad, sueco, conseguem identificar na versão demótica, alguns equivalentes de nomes próprios ocorridos em grego.

5. Em 1814, Tomaz Young obtém uma cópia da pedra e reconhece que a escrita egípcia “consiste principalmente em símbolos fonéticos.” Também demonstrou que os ovais (Cartouche) incluíam os nomes reais.

6. Em 1822, a lista alfabética dos caracteres Egípcios, que havia sido composta por Young, foi corrigida e aumentada por Champollion, que entre este ano e o fim de sua vida, corretamente decifrou “os nomes e títulos de Imperadores Romanos e desenhou uma lista classificada dos hieróglifos, e formulou um sistema de gramática e decifração em geral, que foi o fundamento para os posteriores egiptologistas trabalharem.”

“Contudo, o triunfo final estava reservado ao egiptólogo francês Jean François Champollion. Utilizando todos os recursos então possíveis a própria pedra, o conhecimento do Copta (a última fase da língua egípcia), a decifração de várias frases dos textos demóticos, obtidos por Akerblad e, o que foi mais importante, a identificação feita por Young nos textos hieróglifos de vários nomes próprios de deuses e pessoas — Champollion publicou, em 1822, uma dissertação sobre a escrita hieroglífica. Com este trabalho, e com as investigações subsequentes, lançou os fundamentos da moderna egiptologia.”⁵

Como procedeu J. F. Champollion?

Tendo chegado à conclusão de que dentro dos ovais (Cartouches) se encontravam nomes de personagens reais, verificou que um se encontrava repetido seis vezes, e que, segundo a localização do texto grego, seria “Ptolomeu.”

Entretanto, uma nova descoberta surge: um obelisco, encontrado em Philae por Bankes, em 1815 e, igualmente, com inscrições em grego e egípcio. Na parte grega foram identificados dois nomes reais: Ptolomeu e Cleópatra. Na segunda face do obelisco, havia dois ovais que, pensaram, seria o equivalente em egípcio, daqueles dois nomes.

Quando estes ovais foram comparados com o da Pedra de Roseta, verificaram-se algumas semelhanças. Havia, pois, certas indicações de que eles continham o nome de Ptolomeu. Tomando-se os ovais que se supunha conterem aqueles dois nomes, numeraram-se os símbolos da esquerda para a direita. Verificaram-se, então, semelhanças do primeiro e segundo. Por comparações sucessivas verificou-se que o oval da Pedra de Roseta, que se pensava conter o

nome de Ptolomeu, era mais extenso que o do obelisco. Neste último, o seu nome se inscreveu simplesmente, enquanto que naquela foram-lhe acrescentados os títulos reais que igualmente se encontravam no texto grego.

Graças ao seu conhecimento do copta, Champollion conseguiu formular um sistema de deciframento que, na maior parte dos casos, está ainda em uso.⁸

Que mensagem contém a pedra?

Eis a nova etapa a que se consagrou Champollion. Depois de acurados estudos, comparações etc., chegou à conclusão de que se tratava de uma cópia dum decreto, exarado pelo Concílio Geral dos Sacerdotes Egípcios, reunido em Mênfis, para celebrar o primeiro aniversário da coroação de Ptolomeu V, Epifânio, como rei de todo o Egito. Esta comemoração teve lugar no ano 196 A.C. Como já dissemos, a forma original do decreto é o grego, e o hieróglifo e demótico foram traduzidos delas.

A inscrição está datada do 4.º dia do mês correspondente ao nosso abril. As primeiras linhas apresentam a lista dos títulos de Ptolomeu V, e vários epítetos que proclamam o rei: "Piedoso para com os deuses, amenizou a vida dos homens, e cheio de generosidade demonstrou, de toda maneira possível, os seus sentimentos humanos."¹

Começa o decreto por afirmar as resoluções tomadas, em sinal de gratidão, e eis algumas:

1.º Fazer estátuas de Ptolomeu em seu caráter de "salvador do Egito," e levantá-las em todos os templos do Egito, para os sacerdotes e povo adorarem.

2.º Fazer medalhões com a figura de Ptolomeu, em ouro, e colocá-los em altares de ouro, junto aos altares dos deuses, e carregá-los em procissão.

3.º Festejar regularmente a data do seu nascimento e da sua coroação.

4.º Acrescentar um novo título aos sacerdotes: "Sacerdotes do beneficente deus Ptolomeu Epifânio, que apareceu na Terra." Isto deveria ser gravado no anel de cada sacerdote e inserto em cada documento.

5.º Este decreto será gravado em pedras de basalto, e levantado em templos de 1.ª, 2.ª e 3.ª ordem, lado a lado, com a estátua de Ptolomeu "o sempre vivo deus."

Na segunda parte, os sacerdotes apresentam os benefícios recebidos:

1.º Ofertas em dinheiro e milho, para o templo.

2.º Perdão das taxas devidas à coroa.

3.º Esquecimento de débitos que o povo tinha para com a coroa.

4.º Redução das despesas, dos candidatos a sacerdotes.

5.º Restauração de serviços no templo.

6.º Perdão das dívidas dos sacerdotes à coroa.

7.º Restauração do templo de Ápis e outros animais sagrados.

8.º Reconstrução de altares em ruínas e outros lugares sagrados.

É difícil de expressar tudo o que a descoberta desta pedra permitiu aos estudiosos do mundo inteiro. Podemos, agora, confirmar documentos que povos vizinhos possuíam, podemos ler e conhecer as mensagens deixadas ao longo dos séculos, nos seus inúmeros monumentos.

No aspecto do conhecimento bíblico, a sua importância também é grande. Eis um relato: "A ressurreição do Antigo Egito trouxe à luz informações que derrubaram algumas teorias extremistas a respeito do Antigo Testamento e da história de Israel. Historiadores, agora, reconhecem e entendem melhor o lugar que o pequeno povo de Israel ocupou entre as nações, as suas relações políticas e culturais com os povos poderosos, e a superioridade da sua religião e cultura ética. A literatura do Egito confirma, de uma maneira admirável, a história do antigo Israel, como se apresenta nos livros do Antigo Testamento."⁸

Para uma melhor compreensão da escrita egípcia, eis alguns apontamentos que recolhemos, e que resumem o conhecimento atual sobre o assunto:

1. Escrita Hieroglífica

"Os egípcios atribuíam a invenção dos hieróglifos ao deus tot, que não é um dos principais, mas indicado, aliás, como o inventor da magia e patrono das ciências."⁶ "Seja qual for a natureza exata da sua origem, não há dúvida de que a escrita atingiu o máximo desenvolvimento durante a 1.ª dinastia egípcia. (Séc. XXX e XXXI A.C.)"⁵ "Esta escrita foi não só cinzelada em pedra, mas também desenhada e pintada; contudo, nunca perdeu o seu esmero, a complexidade e a beleza singular."⁵

Do grego, "letras sagradas e esculpidas." Esta designação fundamentou-se na idéia grega de que a escrita hieroglífica tivesse sido aplicada principalmente com fins religiosos: em inscrições monumentais, nas paredes dos templos, dos túmulos, dos monumentos sagrados etc. Isto representava em parte, um erro, até porque o mesmo tipo de escrita foi utilizado para pintar inscrições na madeira, louça de barro e outros tipos de material, além da pedra, e para documentos escritos em papiro."⁵

Sobre a maneira como se agrupavam os sinais, eis algumas notas:

(Continua na pág. 20)

CUMPRINDO O MINISTÉRIO

FRANCISCO NASCIMENTO

Tes. da Ass. Sul-Rio-Grandense

AO ESCREVER sua segunda carta a Timóteo, o apóstolo Paulo não tinha dúvidas de que o seu processo haveria de resultar em sentença de morte. Tudo parece respirar profunda emoção; todos os sentimentos que se agitavam dentro de seu coração, são revelados nesta carta. As expressões: "Só Lucas está comigo" e "apressa-te a vir ter comigo," bem demonstram o estado de espírito em que se encontrava. E foi nestas circunstâncias que São Paulo escreveu a Timóteo, receando que ele não chegasse a tempo para trocar o abraço de despedida. Importantes instruções tinha Paulo a transmitir a Timóteo, pois fora-lhe confiada uma obra pastoral. Usando de palavras imperativas, Paulo procura recordar a Timóteo os deveres que sobre ele impendiam como Ministro do Evangelho de Cristo. "Conjuro-te diante de Deus e de Jesus Cristo..." foram as palavras introdutórias a sua carta. As instruções transmitidas são um verdadeiro programa pastoral. São orientações certas e seguras para o sucesso do ministério evangélico de nossos dias, como foram nos dias de Timóteo.

PREGADOR

Apontando o Tribunal de Deus, no julgamento dos "vivos e dos mortos na Sua vinda," reforça Paulo o dever de pregar a "palavra." Esta pregação não poderia estar condicionada ao tempo e espaço. A edição "Ave Maria" traduz: "Pregues com insistência, oportuna e inoportunamente." A nossa primeira e única preocupação deve ser pregar a palavra. Embora usemos de recursos modernos para apresentar a verdade, jamais devemos nos desviar da "palavra." A irmã White, comentando os escritos de Paulo a Timóteo diz: "Esta solene incumbência a alguém tão zeloso e fiel como era Timóteo, é um forte testemunho da importância e responsabilidade da obra do ministro evangélico. Chamando Timóteo ao Tribunal de Deus, Paulo lhe ordena pregar a palavra; não fórmulas e ditos humanos; a testemunhar prontamente de

Deus onde quer que se lhe apresentasse oportunidade — diante de grandes congregações ou limitados círculos, junto a caminhos e nos lares, a amigos e inimigos, fosse em segurança ou exposto a dificuldades e perigos, vitupério e danos.

AÇÃO TRIPLICE

Em seu ministério, deveria Timóteo cuidar em "repreender, suplicar e admoestar," segundo a versão de Matos Soares. Achamos muito oportuna esta tradução, porque ela revela uma grande necessidade em nossos dias. Preocupamo-nos somente em repreender; no entanto, para que nossa obra seja completa em favor do errante, são exigidas mais duas ações: suplicar e admoestar. Conhecemos a experiência de muitos ex-irmãos, inclusive jovens, que desapontados fugiram de nosso meio porque houve alguém que não usou o método ensinado por São Paulo, que não é outro senão o método de Jesus. Para estourar uma boiada, ou dispersar um rebanho, basta um movimento brusco do guia; e será difícil contê-los. Nossos jovens passam por momentos difíceis. Mais do que nunca está o mundo a lhes acenar, convidando-os a uma vida de comodidade, luxo e prazer. Que estamos fazendo para salvá-los? Não será com repreensões e censuras. A repreensão deve ser dosada, temperada com a compreensão de uma súplica e exortação. Assim fez Jesus e continua a fazê-lo. Podemos sentir nestas palavras de Jesus uma súplica: "Não peques mais." Sobre o assunto temos o seguinte comentário da irmã White: "Temendo que a disposição branda e descendente de Timóteo, pudesse levá-lo a esquivar-se de uma parte essencial de sua obra, Paulo exorta-o a ser fiel em reprovar o pecado, e a repreender mesmo com firmeza os que fossem culpados de males graves. Contudo, deveria fazê-lo com 'toda longanimidade e doutrina.' Devia ele revelar a paciência e o amor de Cristo, tornando

claras suas reprovações e reforçando-as pelas verdades da Palavra." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 503.

PACIÊNCIA

Reforçando o pensamento da "ação tríplice," temos a salientar uma conduta valiosa diante do transgressor. Para alcançarmos êxito em nosso trabalho pessoal, é necessário "paciência." Ao tratarmos com os indiferentes, com os críticos, com os zombadores e sarcásticos, muitas vezes falta-nos a paciência. O ambiente, o ar, o clima que se respira numa cidade grande, afetam seriamente nosso comportamento. Mas sendo a paciência uma característica do amor (I Cor. 13:4), e um dos frutos do espírito (Gál. 5:22), como pois entender um ministro do evangelho impaciente no trato com os errantes? Na realidade é difícil conservar a calma neste mundo. Diante de tanta transgressão, tanto descaso para com as coisas sagradas da salvação, quem não se zanga? A irmã White comenta: "Odiar e reprovar o pecado, e ao mesmo tempo mostrar piedade e comiseração pelo pecador é *uma difícil tarefa*. Quanto mais ardentes nossos próprios esforços para manter a santidade do coração e da vida, tanto mais aguda nossa percepção do pecado, e mais decidida nossa desaprovação de qualquer desvio do direito. Precisamos guardar-nos contra a indevida severidade no trato com os que erram, mas precisamos também ser cuidadosos para não perder de vista a excessiva malignidade do pecado." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 503.

INSTRUÇÃO

A tradução Almeida revista diz: "doutrina" mas preferimos usar "instrução," segundo a tradução "Ave Maria." Instruir é algo mais do que pregar; instruir deve ser o principal objetivo do pastor. O ensino prático da instrução, tem demonstrado ser um fator de êxito para muitos em suas Igrejas. Um candidato ao batismo, bem instruído, será um bom membro da Igreja. Os candidatos mal preparados, sem instrução, resultam em apostasia, quando não se transformam em parasitas dentro da Igreja. Se quisermos uma Igreja "viva" é preciso haver instrução, ensino, não somente antes do batismo, mas sempre. Por isso diz São Paulo: "Não cesses de instruir."

SUPPORTAR OS TRABALHOS

Coloquemos em destaque o apelo de São

Paulo: "Tu, porém... suporta os trabalhos..." (Matos Soares).

Se temos a certeza de nosso chamado para trabalhar na obra, jamais haveremos de *questionar* sobre esta ou aquela atividade. Diz o versículo que devemos suportar os trabalhos. Isto é, assumir as conseqüências do trabalho, colher os frutos do trabalho. O pastor no distrito ou Igreja é o ponto central. Para ele convergem todos os problemas. Deve o pastor suportar tudo: os erros dos irmãos, dos colegas, as críticas merecidas ou imerecidas. Não permitir que estas coisas o desviem da rota de sua vocação. Diz a irmã White: "Ele o admoestava a fugir de todo o *interesse e embaraço temporal* que pudesse impedi-lo de dar-se inteiramente ao trabalho de Deus, a *suportar de bom grado* a oposição, a perseguição e a injúria a que estava exposto *por sua fidelidade*, e a dar prova cabal de seu ministério pelo emprego de todos os meios a seu alcance para fazer o bem a todos por quem Cristo morreu." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 507. Vamos citar apenas um exemplo bíblico de alguém que não suportou os trabalhos: *Moisés*. Antes mesmo de receber instruções definidas do "Senhor" julgou-se escolhido para salvar o povo da escravidão. Moisés desejava realizar um trabalho. No entanto, Deus mostrou-lhe (para nosso ensino) que o homem deve primeiro suportar, isto é, preparar-se psicologicamente, ver-se a si mesmo. Nada podemos realizar para Deus em nossa força, por conseguinte, é Ele que "realiza em nós o Seu querer." Antes de sairmos para o trabalho, é preciso que já o tenhamos aceito em nosso coração, para realizá-lo "como ao Senhor." Foi lá no deserto que Moisés aprendeu a "suportar os trabalhos." Assim também nós, quando nos recolhemos a sós com Deus, suportaremos os trabalhos. Suportar os trabalhos é "buscar primeiro o reino de Deus e Sua Justiça," é dedicarnos inteiramente à Sua obra, não permitindo que ganhos materiais, nos traiam em nossa vocação. Suportar os trabalhos é não "nos embaraçarmos com os negócios desta vida." Sejamos um "Ministro de Deus" e não um "profissional do evangelho." Cumprir o ministério é o apelo final de São Paulo a Timóteo. Cumprir o ministério no seu sentido mais pleno. Estamos nos dedicando somente à obra para a qual fomos chamados? ou haverá outros interesses impedindo de executarmos com fidelidade Sua obra? A Igreja militante será triunfante se for consagrada e cumprir com a finalidade para a qual foi organizada. Esta experiência será alcançada quando o ministério atender o apelo do apóstolo: "cumpre o teu ministério."

A PEDRA DE ROSETA

(Continuação da pág. 17)

“Os hieróglifos eram dispostos regularmente em linhas (liam-se da direita para a esquerda, ou vice-versa) ou em colunas (lidos de cima para baixo, começando pela direita ou pela esquerda). As modernas teorias dos egiptólogos generalizaram a disposição horizontal, com leitura da esquerda para a direita. Na linha (ou coluna) há uma divisão contínua em retângulos ideais, não sendo as palavras separadas, e além disto não tem qualquer pontuação). Apenas certos sinais mais altos ocupam toda a altura do retângulo. Outros agrupam-se em sobreposição, de maneira a ocupar a mesma altura. Os desenhos, ainda que pequenos, são muito completos e minuciosos, o que leva à idéia da representação realista e afasta, em geral, a da reprodução de gestos esquematizados. Estes, contudo, intervêm na seguinte categoria: os Egípcios serviram-se da sua vocação artística para desenhar representação de ações e sentimentos.”⁶

O valor decorativo dos hieróglifos era grandemente apreciado no Egito, e o artista-escriba procurava organizar em grupos quadrados os símbolos, aproveitando para isto a variedade de formas que muitas palavras possuíam.”⁷

“A escrita hieroglífica continha aproximadamente 75 fonogramas biconsonânticos, dos quais cerca de cinquenta eram usados na linguagem comum; e, o que é mais importante, 24 signos monoconsonânticos, mais tarde aumentados para 30, pela adição de homófonas, que cobriam toda a série de sons consonânticos da linguagem egípcia.”⁶ “Na escrita hieroglífica não havia vogais; eram usadas somente as consoantes.”⁷

2. Escrita Hierática

“Na prática, os signos hieráticos eram apenas transcrições dos símbolos hieróglifos. A única modificação palpável, além de uma mínima alteração dos próprios signos, é praticamente inevitável em qualquer tipo de cursivo manuscrito. Muitos caracteres eram unidos pela tinta do pincel e formavam-se grupos de caracteres ligados uns aos outros. A escrita hierática foi a princípio escrita vertical; depois tornou-se horizontal, sendo escrita da direita para a esquerda.”⁵ “Foi usada durante mais de 3.000 anos, para fins profanos e sagrados.”⁵

3. Escrita Demótica

“Na primeira dinastia já existia uma espécie

de escrita hierática. Além disto, nesta altura, era uma escrita praticamente exclusiva da classe sacerdotal e, como resultado, surgiu, para uso profano, uma nova e mais modificada forma de escrita cursiva. Esta, que se desenvolvia da direita para a esquerda, é conhecida vulgarmente por demótica.”⁵ “Com Ptolomeu, o demótico começou a ser considerado tão ou mais importante do que o hierático, e tanto quanto as escritas hieroglífica e grega.”⁵

“A maneira de escrever variava, tal como a caligrafia moderna difere de pessoa para pessoa; e os egiptólogos, antes de traduzir um texto escrito em hierático ou demótico, transcrevem-no para o hieróglifo, assim como o tipógrafo compõe dum manuscrito.”⁷

4. Escrita Copta

“O egípcio escrito em caracteres gregos encontra-se desde o II século A.C.; a conversão ao cristianismo fez nascer, a partir do século IV, a literatura copta, em escrita grega completada por alguns caracteres egípcios.”⁸

“Escreve-se com o alfabeto grego e mais sete símbolos derivados dos hieróglifos. É a única escrita egípcia a empregar vogais.”⁷

Referências

1. *Arqueologia Bíblica*, por Crabtree — Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1958.
2. *The Rosetta Stone, Trustees of the British Museum*, Londres, Junho, 1964.
3. *Illustrations from Biblical Archaeology* — by D. J. Wisemann, London, Março, 1966.
4. *Development of Writing, compiled by Jackdaw Publications*, Londres.
5. *A Escrita*, por David Diringer, Editorial Verbo — Lisboa.
6. *A Escrita* - Marcell Cohen - Coleção Saber - ED. Europa — America - Lisboa.
7. *Compêndio de Arqueologia do Velho Testamento*, por Edith A. Allen — Rio de Janeiro, 1957.
8. *Lettre à Monsieur Dacier Relative à l'Alphabet des hiéroglyphes phonétiques* — J. P. Champollion, Setembro, 1822.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ...

(Continuação da pág. 11)

plural: “Eia, DESCAMOS E CONFUNDAMOS...” O que não se dá no segundo caso com relação aos sodomitas. Tudo ali está no singular (mesmo estando presentes os dois anjos). Diz o texto: “DESCEREI agora e VEREI se com efeito têm praticado segundo este clamor que é vindo até MIM; e se não, SABÊ-LO-EI.” Gên. 18:21.

AMOR DE PASTOR

(Continuação da pág. 3)

Por que isto? Alguma coisa em ambos os textos está em jogo. Em Gên. 11:5-7 estão presentes os Três Membros da Trindade, enquanto que isto não acontece em Gên. 18:21.

Lemos ainda que os dois anjos deixam o Senhor (JHVH) com Abraão e se dirigem a Sodoma. Diz a Escritura: "Então viraram aqueles varões o rosto dali, e foram-se para Sodoma; mas Abraão ficou ainda em pé diante da face do Senhor (JHVH)." Gên. 18:22. Naquela ocasião, Abraão intercede com Deus pelos sodomitas. O texto diz que ele "esteve EM PÉ DIANTE DA FACE do Senhor (JHVH)." Portanto, o patriarca esteve com JHVH (Jeová) ou ADONAI (como está na língua hebraica, nos versos 27, 30, 31 e 32). E no derradeiro verso deste cap. 18, Moisés diz: "E foi-Se o Senhor (JHVH), quando acabou de falar a Abraão; e Abraão tornou ao seu lugar." Não era Este JHVH (Jeová), Deus o Pai? Não. Não era, porque a Escritura diz: "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito que está no seio do Pai (o Filho), é quem O revelou." (S. João 1:18). Portanto Aquele personagem que é chamado de JHVH é Jesus Cristo, no Seu estado pré-existente (na Sua existência como o LOGOS). Interessante é que há no verso 24 do cap. 19 do Gênesis, distinção entre Jeová — aparecem dois Jeovás — "Então o Senhor (JHVH) fez chover enxofre e fogo, do Senhor (JHVH) desde os céus..." O mesmo se dá noutros passos, como ainda em Oséias 1:7.

Notamos ainda que em Josué 6:13-15, aparece o Príncipe do Exército do Senhor (JHVH) a Josué. (Não podia, portanto, ser o mesmo Deus o Pai, mas era outro Ser). E o relato sagrado diz que Josué O adorou e O chama de ADONAI, para no verso 2 do cap. 6 chamá-Lo de JHVH. Note-se que Josué, ao adorá-Lo, disse: "Lhe: "Que diz ADONAI ao seu servo?" Antes de qualquer coisa ele diria a Josué (caso ele não fosse também Deus, Criador, Jeová) as mesmas palavras que um anjo disse para João, muitos séculos mais tarde, quando este adorou aquele: "Olha não faças tal... adora a Deus..." Apoc. 19:10. Mas tal não aconteceu. Ele aceitou a adoração de Josué. E ainda mais, deu a Josué a mesma ordem que algum tempo atrás havia sido dada a Moisés: "Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim." Jos. 5:15. Comparar com Êxo. 3:5. Conclusão: só podia ser a mesma Pessoa em ambos os casos.

(Conclui no Próximo Número)

sei que ali está a verdade." Falou-nos então "os sérios problemas que havia no lar dos pais. 'O pastor nos visitou, e nos ajudou a enfrentá-los, mas quando ele foi transferido para outra igreja, nunca mais fomos visitados. Os problemas se agravaram. Quase todos nos afastamos.' Assim morreu o homem espiritual que, talvez, poderia ter sido salvo pela paciência de um verdadeiro pastor.

As crianças das congregações e dos lares devem ser inspiradas pelo mesmo amor do pastor. Devíamos interessar-nos por cada um deles de modo pessoal, procurando saber-lhes o nome se possível. Tais impressões dificilmente se apagam, chegando a ser em muitos casos um impacto um fator de impacto ainda maior do que as próprias pregações.

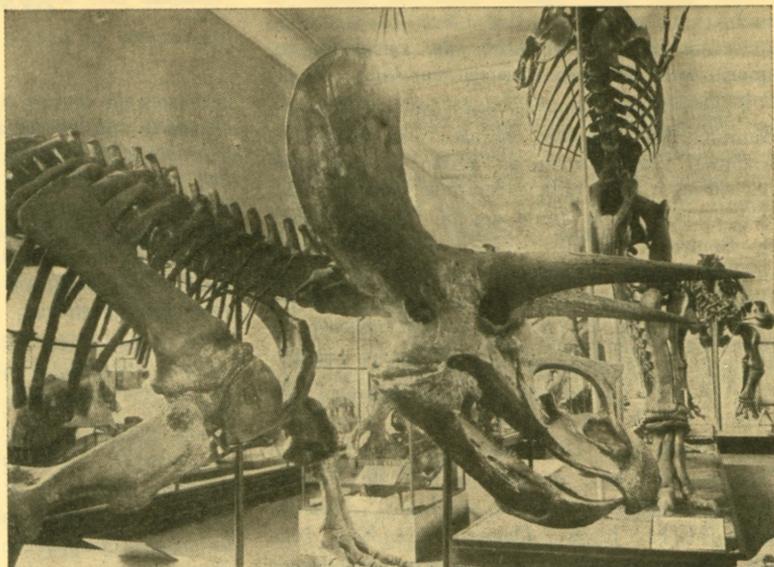
E esse mesmo amor deve manifestar-se também em nossas campanhas de evangelização. É o que o povo necessita, o que lhes faz falta. Argumento teórico talvez impressione o intelecto, mas um interesse profundo e sincero pela pessoa em si, por seu bem-estar, por sua salvação, preparará o terreno para a semente que será em seguida depositada. Afirma a irmã White em mais de um texto que "se fôssemos bondosos, amáveis e corteses, haveria cem conversões à verdade, onde hoje só temos uma." E isto é uma realidade.

Ao fazer visitas, ao dar estudos bíblicos, ao pregar, devemos dar a idéia de que estamos interessados na salvação eterna das pessoas, e não de que temos de alcançar uma "cota de produção." Devemos convencê-los de que Cristo morreu por eles, e que sabemos ser a mensagem que lhes estamos dando aquilo de que depende sua salvação eterna. Quando alguns deles recusam a verdade, não deve isto preocupar-nos tanto porque iremos ter um ou outro a menos em nosso relatório mensal, mas sim, preocupemos o pensar que é um a menos que irá desfrutar a bem-aventurança da salvação.

"Sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!" I Tess. 2:20. "Como pai a seus filhos, a cada um de vós exortamos, consolamos e admoestamos." (Verso 11.) Seria esta a chave do êxito do apóstolo? Não seria também para nós o segredo de ampliarmos e aprofundarmos o nosso ministério? Não seria isto precisamente o que o mundo rebelde, convulsionado e inquieto necessita?

ATÉ ONDE SÃO OS FÓSSEIS REALMENTE ANTIGOS?

(Adaptado de *Review and Herald*, 5.12.63.)



O PERIÓDICO *Post*, editado na capital norte-americana, informou, faz alguns anos, a respeito de um “mistério” científico. Segundo Howard Simons, um dos repórteres do *Post*, certos fósseis “que se estão formando num lago singular do Estado de Nova York, têm uma notável semelhança com fósseis de cem milhões de anos de antiguidade encontrados nos leitos lacustres pré-históricos de Nevada. Os fósseis são bactérias não mineralizadas. Até agora, tais bactérias haviam sido encontradas no calcário negro do Canyon de Newark, próximo de Eureka, Nevada. Converteram-se em fósseis antes que se formassem as Montanhas rochosas, quando ainda os últimos dinossauros percorriam a América do Norte.

O Sr. Simons baseia sua informação em dados proporcionados por W. H. Bradley, geólogo do governo dos Estados Unidos. Ao ser entrevistado, depois que se publicaram os resultados de seus descobrimentos na revista *Science*, o Sr. Bradley fez uma descrição do Lago Verde, perto de Siracusa, Nova York, onde está ocorrendo o processo de fossilização. Disse que o fundo deste lago de água doce contém lodo negro cheio de células bacteriais negras e de cristais de calcita. Sendo que no terço mais profundo do lago as águas estão estancadas, existem ali condições ideais para que se realize ali o processo de fossilização. Sua hipótese é que os cristais de calcita *se embalsamaram e estão* embalsamando as bactérias.

O Sr. Bradley tira duas conclusões de suas observações feitas no Lago Verde: 1) Que faz entre 100 e 130 milhões de anos, o Canyon de Newark, em Nevada, deve ter apresentado as mesmas características das atuais do Lago Verde; e 2) que as bactérias não mineralizadas de Nevada foram fossilizadas faz mais de 100 milhões de anos, enquanto que as que se encontram nos cristais de calcita do Lago Verde foram fossilizadas durante a última década, possivelmente até um ano atrás.

Perguntamo-nos se não poderia ter ocorrido o mesmo processo de fossilização rápida do Lago Verde, no Canyon de Newark, apenas poucos anos depois do dilúvio.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



A IMORTALIDADE INATA, OU CONDICIONAL?

PERGUNTA 40

Qual é o ensino adventista acerca da imortalidade da alma? Que entendeis pelos termos “alma” e “espírito,” e qual a relação entre ambos? São termos sinônimos e permutáveis?

Sobre esta questão por muito tempo tem havido duas escolas de pensamento. Alguns têm afirmado que o homem foi criado mortal, quanto ao que respeita a seu físico, mas que possui uma entidade imortal denominada “alma” ou “espírito.” Outros, com a mesma convicção, crêem que de forma alguma foi o homem criado imortal.* Crêem que o homem não possui uma etérea alma, ou espírito, que sobrevive à morte como entidade consciente, à parte do corpo.

Antes de podermos considerar a questão da imortalidade, quer inata quer condicional, será conveniente definirmos nossos termos; por isso responderemos primeiro à segunda pergunta. Num caso como este, em que há diferença de compreensão do sentido das palavras, devemos deixar que a própria Bíblia, com o auxílio dos usos da língua original, defina os termos.

Sentido Bíblico de “Alma”

No antigo Testamento a palavra *alma* é traduzida de *nephesh*, palavra hebraica que ocorre 755 vezes no Antigo Testamento. É na maioria das vezes traduzida por “alma.” Também se traduz, porém, de muitas outras maneiras.

Nephesh provém da raiz *naphash*, verbo que ocorre apenas três vezes no Antigo Testamento (Êxo. 23:12; 31:17; II Sam. 16:14), todas

* A base de semelhante conclusão é a declaração de Deus ao homem, no Éden: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás.” Gên. 2:17. O fato de que o homem foi criado com a possibilidade de morrer caso pecasse, prova o não ser ele imortal.

as vezes significando “reviver” ou “refrigerar-se.” O verbo parece remontar ao sentido básico de respirar.

Pode-se derivar uma definição de *nephesh* da narrativa bíblica da criação do homem (Gên. 2:7). O registo declara que quando Deus deu vida ao corpo que formara, o homem literalmente “passou a ser alma vivente.” A “alma” não existira previamente, mas veio à existência ao ser criado Adão. Vem à existência uma nova alma toda vez que nasce uma criança. Cada nascimento representa nova unidade de vida, singularmente diversa e separada de unidades similares. A nova unidade jamais pode fundir-se em outra unidade. Terá sempre sua individualidade. Poderá haver inumeráveis indivíduos semelhantes, mas nenhum será justamente essa unidade. Esta qualidade única de individualidade parece ser a idéia acentuada no termo hebraico *nephesh*.

Nephesh aplica-se não somente a homens mas também a animais. A cláusula: “Povoem-se as águas de enxames de seres viventes” (Gên. 1:20) é literalmente: “enxameiem as águas enxames de almas de vida [indivíduos de vida].” Logo, tanto os animais como os seres humanos são “almas.”

Esta idéia básica de ser a “alma” o indivíduo, e não a *parte* constituinte do indivíduo, parece ser a base das várias ocorrências de *nephesh*. É, portanto, mais exato dizer que determinada pessoa é uma alma, do que dizer que ela *tem* uma alma. É o que está claramente expresso em Gên. 2:7: “O homem passou a ser alma vivente.”

Da idéia básica de um *nephesh* ser um indivíduo, ou pessoa, procede o uso idiomático de *nephesh* para o pronome pessoal. Expressões como “minha alma” são idiomatismos para significar “eu,” “me;” “tua alma,” por “tu;” “a alma deles,” por “eles.”

Visto como cada novo *nephesh* representa

nova unidade de vida, *nephesh* é muitas vezes usado como sinônimo de "vida." Em 119 casos a Bíblia traduz *nephesh* por "vida," e há outros casos em que "vida" teria sido tradução mais exata.

A maioria das vezes em que ocorre *nephesh*, a palavra poderia ser apropriadamente traduzida por "pessoa," "indivíduo," "vida," ou pelo pronome pessoal. [Parece que neste caso a nossa Bíblia, em português, nos favorece mais que a inglesa. Onde a inglesa diz "as almas que lhe cresceram em Harã" (Gên. 12:5), a nossa tradução atualizada diz "as pessoas que lhe cresceram..." Em Lev. 19:8, onde a inglesa diz: "A alma será eliminada" a nossa diz: "Qualquer... será eliminado."]

Volvendo ao Novo Testamento, vemos que a palavra "alma" é traduzida da palavra grega *psyche*, com o sentido de "vida," "fôlego," ou "alma." *Psyche* é traduzido quarenta vezes no Novo Testamento como "vida," ou "vidas," com o claro sentido comumente atribuído à palavra "vida" (S. Mat. 2:20; 6:25; 16:25). É traduzido cinquenta e oito vezes por "alma" ou "almas" (S. Mat. 10:28; 11:29; 12:18). Em alguns destes casos significa simplesmente "pessoas" (Atos 7:14; 27:37; I S. Ped. 3:20). [É interessante notarmos que, nestas três referências, onde a Almeida antiga dá "alma," a atualizada dá "pessoa"] Em outros casos é traduzido por algum pronome pessoal, ou seu equivalente (S. Mat. 12:18; II Cor. 12:15). Por vezes se refere às emoções (S. Mar. 14:34; S. Luc. 2:35), aos apetites naturais (Apoc. 18:14), ao ânimo ou mente (Atos 14:2; Filip. 1:27), ou ao coração (Efés. 6:6). Não existe coisa alguma na palavra *psyche* em si que, mesmo remotamente, implique numa entidade consciente, capaz de sobreviver à morte do corpo. E não existe nada no uso bíblico da palavra que indique que os autores da Bíblia mantivessem essa crença.

Concordamos plenamente com os seguintes períodos do conhecido exegeta britânico, Dr. H. Wheeler Robinson, antigo diretor do Regents Park College, de Londres, publicados em seu livro *Hebrew Psychology*:

Nephesh de modo algum é traduzido adequadamente por "alma." Seu emprego literário mostra que há três sentidos mais ou menos distintos cobertos por essa palavra.... O primeiro grupo relaciona-se com o princípio de vida, sem acentuar o que nós chamaríamos seu aspecto físico. Assim, o capitão israelita, ameaçado de destruição, diz a Elias: "Seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha *nephesh* e a *nephesh* [vida] destes cinquenta, teus servos." II Reis 1:13. [A trad. atualizada dá "vida," em vez de alma.] Aqui o sentido verdadeiro é "vida" [como dá a nossa atualizada, assim como em Jer. 38:16; onde a inglesa e nossa Almeida dão "alma," aquela dá "vida."]

Permanece um segundo grupo de usos, o único que pode ser devidamente denominado sentido físico (embora, no hebraico, "físico" abranja muito do que nós chamaríamos fisiológico; esse grupo simplesmente não distingue os dois.) Neste grupo *nephesh* denota o conhecimento humano em sua extensão plena, como em Jó 16:4: "Eu

também poderia falar como vós falais; se a vossa *nephesh* [alma] estivesse em lugar da minha."

Não há motivo para duvidar de que o sentido primário de *nephesh* era "fôlego," tal qual o árabe *nafsum* — alma (*nafasun* — fôlego), embora haja apenas um exemplo, no Antigo Testamento, em que "fôlego" ou "há-lito" é a tradução natural. Encontra-se em Jó 41:19-21.

Se, pois, formularmos a pergunta: "Que é o homem?" e procurarmos a resposta, não nos moldes teológicos antigos, mas nos moldes fisiológicos novos, veremos que, para o hebreu, o homem é uma unidade, e que essa unidade num corpo é um complexo de partes, derivando a vida e atividade de uma alma-fôlego, que não tem existência à parte do corpo.

Os hebreus jamais cogitaram de uma alma separada do corpo. — Citado pelo líder metodista, Artur S. Peake, em *The People and the Book*, Oxford: Clarendon Press, 1925.

Em harmonia com o supra dito nós, adventistas, cremos que, em geral, as Escrituras ensinam que a alma do homem representa o homem todo, e não uma parte independente de outras partes componentes da natureza do homem; e, mais, que a alma não pode existir à parte do corpo, pois o homem é uma unidade.

Definição Bíblica de "Espírito"

Alguns estudiosos da Bíblia, reconhecendo que a palavra "alma" como é usada no Antigo Testamento não apóia a idéia de possuir o homem uma parte componente separada, que sobrevive à morte do corpo, volveram-se para Eclesiastes 12:7 a fim de sustentar a doutrina de que o homem possui algo capaz de existir à parte do corpo. Diz essa passagem: "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu."

A palavra "espírito," nessa passagem, é traduzida da palavra hebraica *ruach*, que tem os vários sentidos de "fôlego," "vento," e "espírito." No Antigo Testamento *ruach* é traduzido por "fôlego" do corpo 33 vezes, como em Ezeq. 37:5; "vento" 117 vezes, como em Gên. 8:1; "espírito" 76 vezes no sentido de vitalidade (Juí. 15:19; "ânimo" (Jos. 2:11); temperamento ou "ira" (Juí. 8:3); e referindo-se à disposição (Isa. 54:6). *Ruach* é também empregado para descrever o princípio vital do homem e dos animais 25 vezes, como em Sal. 146:4; a sede das emoções 3 vezes, como em I Sam. 1:15; a mente 9 vezes, como em Ezeq. 11:5; e o Espírito de Deus 94 vezes, como em Isa. 63:10. Em nenhuma das 379 vezes de seu emprego no Antigo Testamento, *ruach* denota que *no homem* exista uma entidade separada, capaz de vida consciente à parte do corpo físico. Em Ecl. 12:7, aquilo que volta a Deus, cremos, é o princípio de vida por Deus comunicado ao homem. [Na enumeração acima, os algarismos, nem sempre estão exatos em relação a nossa Bíblia em português. Seria preciso fazer uma contagem com base em nossa Bíblia, escolhendo de preferência a edição atualizada.]

(Continua no próximo número)